

Paz, ou apenas Ausência de Guerras?

Série Visão Ministerial – Estudo XII



Tem-se veiculado na internet que *Albert Einstein*, em sua infância, teria enfrentado um professor ateu na escola argumentando, entre outros exemplos, que a escuridão não existe pois não passa, simplesmente, de uma situação de falta de luz.

Sem entrar no mérito da autenticidade dessa informação e também de que a ciência descobriu a existência de regiões no universo onde foi encontrada a chamada “matéria escura” que não permite que a luz a traspasse, em minhas considerações, me veio a inspiração para escrever sobre o mau hábito que a humanidade tem de declarar a presença de alguma coisa simplesmente pela ausência do seu oposto.

Vou começar perguntando:

Você está enfermo?

Há contenda em sua casa?

Houve algum incidente mentiroso no seu grupo familiar, profissional ou eclesiástico?

Caso você possa responder negativamente a cada uma dessas perguntas, me permita mais uma pergunta:

Então, eu posso declarar que você é cem por cento saudável, que há paz completa em sua casa e que nos grupos em que você participa só existem pessoas verdadeiras?

Veja como a constatação, a partir da ausência do oposto, se torna preocupante.

Não estar enfermo não significa, necessariamente, que você seja plenamente saudável, bem como a ausência de conflitos neste momento também não implica que a paz é a maior virtude da sua casa e, ainda, a ausência de mentiras também não significa que os teus grupos de convívio são plenamente alicerçados na verdade.

Mas, pior do que a constatação pela ausência do oposto, é confiar nela como um método seguro para alicerçar as nossas vidas.

Dos exemplos que dei, vou selecionar o da paz, pois a considero um dos alicerces do bem-estar humano em todas as áreas.

Então, deixe-me insistir:

Se não há guerras ao nosso redor, então há paz em nosso meio?

Vou responder, para não alongar demais as nossas considerações:

Não necessariamente!

Ora, se você, agora mesmo, passar a observar alguém que esteja por perto e constatar que não está brigando com ninguém neste momento, isso não significa, absolutamente, que esse alguém possa ser declarado como uma pessoa pacífica.

Concorda?

Com base nisso, pensemos:

Com que facilidade, ou dificuldade, uma contenda seria capaz de atingir essa pessoa?

Penso que isso dependeria da verdadeira natureza dessa pessoa.

Ora, uma aparente tranquilidade pode estar maquiando uma pessoa intolerante, rancorosa e até iracunda e, nesse caso, se de repente surgisse alguma contenda, ela seria imediatamente acatada e mudaria o cenário em instantes.

Mas, em se tratando de uma pessoa verdadeiramente pacífica, mesmo que a contenda lhe sobreviesse com toda a força, ela não se implantaria com a mesma facilidade do caso anterior.

Deixe-me esclarecer.

Não estou querendo dividir a humanidade em dois grupos, diferenciando os pacíficos dos atribulados.

Não é este o nosso foco aqui, mas me permita trocar o adjetivo *pacíficos* por *pacificadores*.
O que você achou?

Sem dúvida, essa troca, agora, acentuou o nosso foco.

Mas relaxemos, todos os pacificadores são seres pacíficos, embora caiba dizer que o mesmo não se deve dizer dos pacifistas¹, os quais são confundidos, por muitos, com os pacificadores.

Então, analisemos:

Qual a diferença e qual a igualdade entre uma pessoa pacificadora e uma pessoa contenciosa que estejam, ambas, em situação de tranquilidade neste momento?

Vou antecipar a resposta, de novo:

A igualdade está em que, ambas, desfrutam de uma momentânea ausência de guerra e a diferença é que apenas uma delas possui, de fato, a paz!

Ora, já é possível visualizar que, possuir a paz e não estar em guerra não são a mesma coisa!

Os exemplos acima são capazes de nos mostrar que, todos estamos sujeitos a um eventual ataque e termos a nossa tranquilidade perturbada, o que, ocorrendo, terá os seus efeitos na proporção do nível de importância e valor que damos à paz em nossas vidas.

Não é difícil perceber que, quando não plantamos, ou não desenvolvemos, ou não ensinamos, ou não apreciamos, enfim, não cultuamos a paz, mas em vez disso, nos conformamos com a simples ausência da contenda, acabamos tendo um péssimo desempenho no tratamento dos nossos conflitos.

Possuir a paz é muito mais do que simplesmente não estar em guerra!

É tê-la, ser sustentado por ela e ser beneficiário dela.

Quem se contenta com a ausência de guerra poderá viver toda a sua vida sem, de fato, conhecer a paz verdadeira.

Também poderá ser comparado a um castelo de areia a certa distância do mar, o qual, sem dúvida nenhuma, será atingido assim que chegar a próxima elevação do nível das águas.

Para melhorar a compreensão da nossa visão vou usar um dos ensinamentos de Cristo:

“- Estai em mim, e eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim.” (João 15:4).

Perceba a expressão *“- Estai em mim...”*.

Por ela, Cristo estava indicando que não bastava àquelas pessoas, e a qualquer um desde então, estar apenas próximo d'Ele, contemplando, como que ao longe, a paz que os seus ensinamentos e as suas obras milagrosas lhes podiam proporcionar.

Era necessário estarem n'Ele.

Então, trazendo para nós, é necessário deixar a seiva correr d'Ele para nós, ou seja, ter a paz residente DENTRO de nós e não apenas tentar usufruir dela como uma coisa externa à nossa vida.

Uma vara, ou um galho que tenham sido cortados das suas árvores, morrerão com toda certeza, estejam eles próximos, ou encostados, ou mesmo amarrados fortemente no tronco da sua, ou qualquer outra árvore.

Para não morrerem, terão que ser enxertados, para que a seiva do tronco lhes traga a vida e a produtividade novamente.

Esse ensinamento revela a base dessa nossa abordagem a respeito da paz.

Estar em Cristo corresponde a possuir a paz, e não apenas a estar em paz.

Daí vem a correspondência que despertou a nossa atenção e a inspiração para escrever este artigo.

Ora, se estamos em Cristo, nós herdamos a paz e, portanto, não podemos nos satisfazer com a simples ausência de guerras e conflitos.

Ter a paz é usufruí-la, sentindo-a como uma fonte dentro de nós, ao invés de alguma fonte externa a nós pois, neste último caso, nem sempre teremos o controle e nem a certeza da sua continuidade.

“- Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna” (João 4:14).

Esse versículo fundamenta o caráter do pacificador.

Ter uma fonte jorrando dentro de si, significa ter o suficiente para se manter e para compartilhar com muitos.

Portanto, o pacificador é aquele que, além de possuir a paz, também a compartilha, a promove e a implanta por onde passa.

“- Quão formosos são, sobre os montes, os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, do que anuncia o bem, que faz ouvir a salvação, do que diz a Sião: O teu Deus reina!” (Isaías 52:7).

O pacificador é um bem-aventurado:

“Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus” (Mateus 5:9).

Essas duas passagens dão conta de que possuir a paz é uma característica primordial dos filhos de Deus (os pacificadores).

Portanto, como pessoas que ocupam essa posição hoje, temos um dever para com o Reino de não nos conformarmos com uma simplória ausência de guerra e, assim, evitar de pecarmos ao interpretá-la erroneamente como prova da presença da paz.

Entretanto, o motivo que nos levou a escrever estas linhas é que, na maioria das vezes, infelizmente, temos nos conformado com períodos de aparente paz, união e comunhão dentro das nossas famílias e demais grupos de convívio, inclusive, as nossas igrejas.

E é assim que, muitas vezes vemos, assustados, a contenda, a mentira e as enfermidades se estabelecerem com uma facilidade e uma rapidez assustadoras, fazendo-nos ter a falsa impressão de que a paz e todos os demais valores cristãos são fracos e estão à mercê das forças do mal.

Portanto, não nos conformemos com a ausência da guerra, nem com a ausência da enfermidade e nem com a ausência da mentira.

Busquemos, com afinco e dedicação, as certezas de que temos paz, temos saúde e conhecemos bem as pessoas que nos rodeiam.

Precisamos possuir a paz, a saúde e a verdade!

“Aparte-se do mal, e faça o bem; busque a paz, e siga-a.”

(1Pedro 3:11).

Pr Carlos V. Ricas

NOTAS DO TEXTO:

1. Pacifista: na teoria, uma pessoa partidária da paz entre os povos; que se dedica a fazer reinar a paz e a conseguir resolver pela arbitragem os conflitos internacionais (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa), porém, na prática, já se viram casos em que a arbitragem de conflito se baseou na ameaça a ambas as partes caso não concordassem em negociar ou estabelecer a “paz”.

1ª edição: 21.nov.2008

Última revisão: 04.set.21

. O conteúdo deste material pode ser compartilhado e divulgado livremente, desde que mencionada a fonte.

. Outros estudos e materiais de pesquisa do Pr Carlos Ricas, podem ser encontrados em seu website:

<http://www.temasbiblicos.com.br>